

**As praças na cidade portuguesa.
Origens, processos de desenvolvimento, características formais**

Manuel C. Teixeira
Faculdade de Arquitectura, UTL
Centro de Estudos Urbanos - CEURBAN
Centro de Administração e Políticas Públicas – CAPP – ISCSP, UTL
Rua Braancamp, 6 R/C Dto, 1250-050 Lisboa
Tel. 933145175
e.mail: manuelcteixeira@gmail.com

As praças desempenham um papel importante na organização urbana das cidades portuguesas. Sob a designação de praça englobamos uma grande variedade de espaços urbanos – praças, largos, campos, terreiros, adros – com funções, tamanhos, características formais, relação com a malha urbana e com os edifícios que neles se localizam bastante diversos. Cada um destes espaços tem atributos distintos, mas todos eles comungam do facto de serem locais privilegiados de encontro, de troca e de sociabilidade, e de todos assumirem um papel fulcral na estruturação física da cidade.

A localização das praças, e a sua relação com a estrutura urbana, nunca é casual. Elas resolvem situações de real ou potencial conflituosidade que podem resultar de diferentes situações: da adaptação do traçado urbano à estrutura física do território, da articulação de vias estruturantes, das inflexões destas vias ou do encontro de malhas urbanas construídas em momentos distintos. Noutros casos, as praças surgem associadas a edifícios notáveis, eles próprios localizados em situações singulares, reforçando desta forma a importância simbólica e funcional desses edifícios e dos seus locais de implantação. O sucesso das praças e o seu papel na organização urbana dependem do modo como articulam vários destes factores.

A forma das praças surge associada às suas funções, às suas origens e às suas relações com a malha urbana. Em qualquer dos casos, as praças podem ter um desenvolvimento gradual, formalizando-se através de sucessivas pequenas intervenções ao longo do tempo, levadas a cabo por múltiplos actores, ou serem construídas rapidamente, através de acções habitualmente designadas como planeadas, envolvendo a participação de arquitectos ou de engenheiros e traduzindo-se em formas regulares e geometrizadas.

No urbanismo português, as praças planeadas afirmam-se a partir de finais do século XV, por vezes implantadas em malhas urbanas já existentes, outras vezes construídas de raiz, inseridas em novos traçados urbanos. A praça foi adquirindo uma proeminência cada vez maior, associada a uma regularização crescente dos traçados. A regularidade das praças urbanas corresponde também a uma alteração no papel que estes espaços passaram a desempenhar. A partir de finais do século XV e início do século XVI, as praças passaram a assumir o papel de centros do poder, substituindo os sítios topograficamente dominantes que, até então, haviam desempenhado essa função. A construção destas praças novas estava associada à construção de equipamentos centrais da cidade, habitualmente Casas de Câmara, Igrejas Matriz e Misericórdias. São estes edifícios que passam a pontuar estes novos espaços urbanos, tornando-os efectivamente lugares centrais do ponto de vista funcional e simbólico.

Estes novos locais dominantes da cidade surgem-nos agora dentro da própria lógica dos traçados. Em consequência disso, as praças consolidam a sua importância funcional e simbólica e a sua relação com a malha urbana alterar-se-á radicalmente, tornando-se elementos centrais na morfologia e no ordenamento das cidades, e tornando-se em breve os próprios elementos geradores das malhas urbanas. A regularidade dos traçados urbanos, que se vai afirmando ao longo dos séculos XVI e XVII, atinge o seu apogeu nas cidades setecentistas. Nestas cidades, as praças, quadradas ou rectangulares, localizadas centralmente, e onde se implantam os principais poderes da cidade, assumem o papel de elementos geradores dos traçados urbanos, sendo a partir delas que se estrutura o sistema de ruas e de quarteirões, segundo uma malha ortogonal.

As praças constituem um património fundamental das nossas cidades. A recriação do papel simbólico e funcional das praças é uma tarefa fundamental, podendo elas constituir o fulcro da necessária revitalização urbana.

Palavras-chave: praças, morfologia urbana